

Prefácio

É uma experiência amiúde comprovada o facto de, por uma insignificância, um pormenor, uma expressão inadvertida, uma exclamação descuidada, um semblante casual, um gesto involuntário, se ter oportunidade de nos insinuarmos no íntimo de alguém e de descobrirmos o que havia escapado à observação mais atenta. Para que este insignificante comentário não seja entrementes deturpado e não se torne importante, renuncio neste instante a prosseguir-lo e apresso-me a ir mais de perto ao encontro do meu projecto. Em relação a um livro, um prólogo é uma insignificância; e no entanto, não será certo que, com um mais cuidadoso estudo comparativo de prólogos, haveria de se comprar por bom preço a oportunidade de observação! Muito se tem feito, cientificamente, para classificar a literatura e ordenar a obra de cada autor de acordo com a época, e essa época segundo as eras; mas ninguém pensa no que haveria a ganhar se fosse possível treinar um qualquer literato para simplesmente ler prólogos, fazendo-o porém de forma tão exaustiva que começasse nos tempos mais remotos e avançasse pelos séculos adiante até aos nossos dias. Os prólogos trazem consigo a marca do casual, tal como os dialectos, os idiomas, os provincialismos; estão sujeitos à influência da moda, num sentido totalmente diferente do que sucede com as obras, mudam como as peças de vestuário³. Ora

3 Vd. Johann Georg Hamann, *Kreuzzüge des Philologen* [Cruzadas do Filólogo], in *Sämtliche Werke*, Band 2, *Schriften über Philosophie, Philologie, Kritik* [Escritos sobre Filosofia, Filologia e Crítica], 1758–1763, Viena, 1950. Primeira edição: Königsberg

são compridos, ora curtos, ora são atrevidos, ora tímidos, ora são rígidos, ora desenvoltos; ora estão preocupados e quase arrependidos, ora são autoconfiantes e quase insolentes; ora não olham de todo às fraquezas do livro, ora estão atacados de cegueira, ora se apercebem dessas fraquezas melhor do que ninguém; ora acontece ser o prefácio a primeira destilação do produto, ora sucede ser um ressaibo do mesmo. E tudo isto é puramente cerimonial; até mesmo um autor que na sua obra desafia a época acomoda-se bem à [468] insignificância segundo o uso e costume, i.e. no prefácio, e é posto à prova inúmeras vezes através de uma colisão deveras curiosa para o observador: no até-que-ponto e no como. Quanto mais penso nisto, tanto mais fartos me parecem ser os proveitos que semelhante estudo promete. Pensemos tão-somente no contrário: a ingenuidade grega, que proporcionaria um fundamento esplêndido para a apresentação dos resultados⁴. Mas interrompo esta digressão do pensamento, que presumivelmente me conduziria por falsas veredas, já que me falta o aparato erudito.

Recebeu o prefácio o seu golpe de misericórdia com a ciência moderna⁵. Na perspectiva desta, um autor mais antigo torna-se

[o. V.] 1762. Lê-se no segundo capítulo, «*Versuch über eine akademische Frage*» [Ensaio sobre uma Questão académica], p. 123: «*Modewahrheiten, Vorurtheile des Augenscheins und Ansehens, die bey einem Volk circuliren, machen gleichsam die künstliche und zufällige Denckungsart desselben aus und haben einen besonderen Einfluß in seine Sprache*»; i.e. «Verdades em moda, preconceitos da aparência e do aspecto que circulam num povo, fazem por assim dizer o modo de pensar artificial e casual do mesmo e têm uma particular influência na sua língua.» (tradução de José Miranda Justo).

4 Na margem do manuscrito (F ms.4.2; Pap. V B 74.1), lê-se a seguinte anotação: «*Grækerne brugte egl. slet intet Forord, men sagde strax i det første Punktum alt hvad Bogen skulde handle om*», i.e. «Os gregos não usavam propriamente qualquer tipo de prefácio, antes diziam desde logo na primeira frase tudo aquilo de que o livro havia de tratar».

5 Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) e a defesa do carácter acessório do prefácio por ele levada a cabo no prefácio a *Phänomenologie des Geistes* [Fenomenologia do Espírito] de 1807, intitulado «Prefácio do Sistema da Ciência», são os principais visados pela crítica de Notabene ao longo deste parágrafo. Edição consultada pelo autor: *Georg Wilhem Friedrich Hegels Werke. Vollständige Ausgabe*, ed. de E. Gans, Berlim, 1832-1841, vol. II, pp. 3-7; veja-se também Georg Wilhelm Friedrich Hegel, *Jubiläumsausgabe*, I-XXVI, ed. de Hermann Glockner, Stuttgart, 1927-40, vol. II, pp. 11-15; e *Georg Wilhelm Friedrich Hegels Werke in 20 Bänden, Suhrkamp*: Frankfurt a. M., 1986, vol. 3, pp. 11-15. Estas três edições são doravante, respectivamente, mencionadas como *Werke*, *Jubiläums* e *Suhrkamp*. Na tradução portuguesa de Manuel J. do Carmo Ferreira, «Prefácio do Sistema da Ciência», in G. W. F. Hegel, *Prefácios*,

facilmente numa figura lamentável e ficamos sem saber se dela havemos de rir ou chorar, porque a sua falta de jeito para ir directamente ao assunto torna-o cómico, e a sua ingenuidade, como se existisse alguém que por ele se interessasse, torna-o comovente. Hoje em dia, não pode repetir-se semelhante situação; pois que ao começar-se o livro pelo assunto e o sistema pelo nada⁶, está desta maneira a ponderar-se que não resta coisa alguma para dizer num prólogo. Este estado de coisas proporcionou-me ocasião para observar que o prefácio é uma espécie muito própria de produção literária, e já que anda acotovelado, chegou a hora de se emancipar, como tudo o mais. Deste modo pode ainda vir a ser bom. O incomensurável, que antigamente se depositava no prefácio de um livro, pode agora encontrar o seu lugar num prefácio que não é prefácio de livro algum. Creio assim que o conflito fica resolvido para satisfação e agrado recíprocos; se o prefácio e o livro não podem harmonizar-se, então que um remeta ao outro uma carta de divórcio.

O método científico mais moderno chamou-me a atenção para o facto de ter de se chegar a uma cisão⁷. O meu mérito consiste em levar a cisão a sério; sucede somente que há aqui um fenómeno que aponta para a razão mais profunda. Qualquer autor esteticamente evoluído teve decerto instantes em que não sentiu

tradução, introdução e notas de M. J. do Carmo Ferreira, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, pp. 37-40, doravante mencionada pelo nome do tradutor. Lê-se no período inicial, pp. 37-38: «Uma explicação como aquela que num prefácio se antepõe habitualmente a uma obra — sobre o fim que o autor nela se propôs, bem como sobre os motivos e a relação em que crê estar a obra com outros tratamentos, anteriores ou contemporâneos, do mesmo objecto — parece ser, no caso de um escrito filosófico, não apenas supérflua, mas até, devido à natureza da Coisa, inadequada e contrária ao objectivo.»

6 Vd. a introdução de Hegel à primeira edição de *Wissenschaft der Logik* [Ciência da Lógica] de 1812. Para a ideia de «começar com a própria coisa», *Werke*, vol. III, p. 36; *Jubiläums*, vol. IV, p. 36; e *Suhrkamp*, vol. 5, p. 35; para a ideia de «começar pelo nada», vd. *Wissenschaft der Logik*, *Werke*, vol. III, pp. 69 e 84; *Jubiläums*, vol. IV, pp. 69 e 84; e *Suhrkamp*, vol. 5, pp. 69 e 83. Na tradução portuguesa de M. J. do Carmo Ferreira, p. 107.

7 Alusão ao afastamento de Ludwig Feuerbach (1804-1872) e de David Friedrich Strauss (1808-1874) em relação a Hegel, dando origem ao hegelianismo de esquerda na década de trinta do século XIX.

vontade de escrever um livro, mas em que lhe apeteceu realmente escrever um prefácio para um livro, fosse este seu, ou fosse de outrem. Isto indica que o prefácio é essencialmente diferente do livro, e que escrever um prefácio é algo completamente diferente de escrever um livro; pois que, caso contrário, o impulso declarar-se-ia apenas quando se tivesse escrito um livro, ou quando se imaginasse que se queria escrevê-lo, como acontece quando alguém o imagina de maneira superficial e coloca então a questão de saber se o prefácio há-de ser escrito antes ou depois. [469] De qualquer modo, desde que alguém se encontre num destes casos, ou já achou um assunto, ou imagina que já o tem. Mas quando, mesmo sem o ter, possa surgir-lhe o desejo de escrever um prefácio, é fácil de perceber que este não tem de tratar de um assunto, porque o próprio prefácio passaria em tal caso a ser um livro, e a questão relativa ao prefácio e ao livro seria suplantada. O prefácio enquanto tal, o prefácio emancipado, não tem pois de tratar de assunto algum, antes tem de tratar de nada, e se bem que pareça abordar algo ou tratar de algo, isso terá de ser apenas uma aparência e um movimento fingido.

Deste modo, o prefácio é definido de forma puramente lírica e definido de acordo com o seu conceito, enquanto em sentido vulgar e tradicional o prefácio é uma cerimónia de acordo com a época e o uso⁸. Um prefácio é uma disposição anímica. Escrever um prefácio é como afiar a foice, como afinar a guitarra, como conversar com uma criança, como cuspir pela janela. Não se sabe como tal coisa acontece, chega-nos o desejo, o desejo de sentir o frémito imaginativo da disposição produtiva, o desejo de escrever um prefácio, o desejo desses *leves sub noctem susurri*⁹. Escrever um prefácio é como tocar à porta de um homem para o arreliar, ou como passar pela janela de uma rapariga e olhar para as pedras da

8 Primeira das diatribes de Notabene contra Heiberg, cuja teoria estética dos géneros literários concede o lugar cimeiro à poesia lírica, ao passo que Hegel o concede à poesia épica.

9 Em latim no original, transcrição aproximativa de um verso de Horácio, em que se lê «*lenesque*», i.e. «e suaves», e não «*leves*», i.e. «ligeiros». Vd. *Carminum liber* [Odes], Livro I, 9, v. 19; na tradução portuguesa de Pedro Braga Falcão, Horácio, *Odes*, Lisboa: Livros Cotovia, 2008, p. 65, vv. 19-20: «os melífluos sussurros sob a noite».

calçada, ou como atingir o vento com a bengala no ar, ou como erguer o chapéu, pese embora não se saude ninguém. Escrever um prefácio é como ter feito algo que dá direito a que se espere uma certa atenção; é como ter algo na consciência que nos faz cair em confidências; é como inclinar-se durante a dança apesar de não se fazer qualquer movimento; é como fincar a bota do lado esquerdo e puxar as rédeas para o lado direito¹⁰, ouvir o corcel dizer «pst» e não ligar nenhuma ao mundo inteiro; é como andar com outros sem ter o menor embaraço em andar com outros; é como estar na colina de Valdbý¹¹ e ficar a olhar os gansos bravos¹². Escrever um prefácio é como chegar de carruagem à primeira estação, ficar no abrigo escuro pressentindo o que irá surgir, ver o portão e com ele o céu aberto, olhar para a estrada que continua sempre para a frente, entrever à nossa espera o mistério da floresta, o dissipar sedutor das veredas; ouvir o som da trombeta e o convidativo apelo do eco, ouvir o poderoso chicote do postilhão e a confusa repetição da floresta e as animadas conversas dos viajantes. Escrever um prefácio é como chegar, encontrar-se na sala acolhedora, cumprimentar l470l a figura nostalgicamente desejada, sentar-se no cadeirão, encher o cachimbo, acendê-lo — e ter uma infinidade de coisas para falar um com o outro. Escrever um prefácio é como sentir no íntimo que se está prestes a ficar apaixonado, a alma docemente inquieta, o enigma abandonado, como se cada acontecimento fosse um indício de explicação. Escrever um prefácio é como afastar os ramos de jasmim no alpendre, e vê-la ali sentada em segredo: a minha amada. É assim, oh, é assim que se escreve um prefácio; e como é quem o escreve? Esse entra e sai pelo meio dos homens como um tolo no Inverno e um pateta no Verão¹³, é bom dia e

10 Esta frase serviu de inspiração para algumas caricaturas feitas a Kierkegaard, montando a cavalo, publicadas em *Corsaren*, n.º 278, col. 2-8, 16 de Janeiro de 1846.

11 Valdbý, hoje Valby, parte norte de Copenhaga, situava-se nos arredores da cidade no tempo de Kierkegaard e foi um dos seus locais favoritos para passeios de carruagem.

12 Expressão inspirada num provérbio dinamarquês e que denota observação inoportuna. Ocorre igualmente em *Johannes Climacus ou de omnibus dubitandum est. Uma narrativa*, SKS, vol. 15, pp. 13-59; aqui, p. 40. Vd. adiante nota 69.

13 Trata-se da tradição de troca de correspondência no início da Primavera. *Gækkebreve* são cartões com versos alusivos ao despertar da estação e à amizade mútua, portadores